



*1 Os ciganos, peregrinos eternos nas estradas do mundo: Saint Marie de L' Mer é o seu lugar**

Gypsies, Eternal Pilgrims on the Roads of the World: Saint Marie de L 'Mer is your place

Carliane Sandes Alves Gomes¹

* Recebido em 20.02.2020.
Aprovado em: 09.04.2020.

¹ Professora de Geografia e produtora cultural. Doutoranda e Mestre em Geografia Humana pelo Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Desenvolve pesquisas nas áreas de Geografia Cultural e Geografia da Religião sobre a espacialidade dos ciganos no Rio de Janeiro. Email:

carliane.sag@gmail.com

Resumo: O dia 24 de maio é celebrado como dia considerado e vivido como tempo de maior sacralidade em função do culto a Santa Sara Kali. Anualmente milhares de ciganos rumam, em peregrinação, para uma gruta no litoral da cidade francesa de Saintes Maries de L' Mer. O presente artigo, através do inventário de informações e estudos sobre aspectos e elementos referentes às peregrinações ciganas para o seu Lugar de Fé, fundamentado em trabalho de gabinete, procura iluminar as pausas e movimentos dos indivíduos ciganos, em prática devocional, como encontros repletos de sentidos e significados para aqueles que os vivem enquanto manifestação de sua religiosidade, atualização dos rituais e como práticas culturais no contexto de eventos geográficos festivos.

Palavra-chave: Santa Sara Kali. Saintes Maries de L' Mer. Cultura Cigana. Peregrinação Cigana.

Abstract: May 24 is celebrated as a day considered and lived as a time of greater sacredness due to the cult of Saint Sara Kali. Annually thousands of gypsies make a pilgrimage to a cave on the coast of the French city of Saintes Maries de L' Mer. This article, through the inventory of information and studies on aspects and elements related to Gypsy pilgrimages to their Place of Faith, based on office work, seeks to illuminate the pauses and movements of Gypsy individuals, in devotional practice, as meetings full of senses and meanings for those who live them as a manifestation of their religiosity, updating of rituals and as cultural practices in the context of festive geographic events.

Keywords: Saint Sara Kali. Saintes Maries de L' Mer. Gypsy Culture. Gypsy Pilgrimage.



² Música: Santa Sara Kali. Composição: J. O. Rocha (Joselito Oliveira Rocha)

³ Slava: palavra do dialeto romani que significa “Festa Sagrada”. A Festa Sagrada de Santa Kali é o único momento em que os ciganos das diversas tribos se encontram e convivem pacificamente. O encontro que propiciou a dinâmica citada acima só foi possível, pois ocorreu no dia 24 de maio, dia da Slava.

Na beira do mar
Tem uma igreja
Existe uma santinha
Dos milagres, sim senhor!

É Santa Sara Kali sim senhor
A nossa protetora
A padroeira do caminhador

É Santa Sara Kali sim senhor
A nossa protetora
A padroeira do caminhador

Povo cigano
Navegando em alto mar
A chuva vem
Olha o relampear

Povo cigano
Navegando em alto mar
A chuva vem
Olha o relampear

Na beira do mar
Tem uma igreja
Existe uma santinha
Dos ciganos, sim senhor!

É Santa Sara
Dos Roma, sim senhor!
A nossa protetora
Protege rom, sinti e calón

É Santa Sara
Dos Roma, sim senhor!
A nossa protetora
Protege rom, sinti e calón

Povo nômade
Anda aqui e acular
Mesmo na chuva
Ou ao relampear

Povo nômade
Anda aqui e acular
Mesmo na chuva
Ou ao relampear²

Sara, a santa de pele escura, é reconhecida como padroeira do povo cigano e reverenciada por ciganos de diversas etnias e nacionalidades em Saint Marie de L’Mer. A peregrinação de devotos e a manifestação da fé entre indivíduos ciganos e não ciganos marca no tempo e no espaço ações e transformações da peregrinação no lugar de fé. Durante o evento geográfico festivo (SILVA, 2013) conhecido como Slava³ de Sara, o vilarejo de Camargue localizado na região litorânea do Sul da França se expande diante das chegadas de caravanas e coloridas aglomerações do povo nômade.

A ida dos ciganos anualmente para a Slava de Sara em Saint Marie de L’Mer simboliza uma maneira de (sobre)vivência do mundo cigano. O período festivo colabora ao oferecer oportunidades para se contar, (re)atualizar e (re)afirmar a história de um povo, sua memória, suas identidades e religiosidades, que atuam como importante ferramenta de coesão socioespacial. Os atos de *caminhar* e *parar* (CARERI, 2017) no espaço, assim como o de *pausa* no *movimento* (TUAN, 2013), podem ser interpretados como estratégias espaciais daqueles que se denominam e são (re)conhecidos como



nômades. Essas ações possibilitam o estabelecimento de relações entre os sujeitos. E destes em relação ao espaço geográfico onde atuam. Da união proveniente das ações de se movimentar e interromper os movimentos, de profundas relações dos seres humanos entre si e com o meio onde vivem, que significam e com o qual interagem criando suas histórias espaciais, emerge o sentimento de pertencimento deste grupo cultural com o lugar (OLIVEIRA 2012; TUAN, 2013; MELLO 2008; SANDES, 2017). Para os que nunca tiveram uma pátria-mãe, colocar-se à caminho da cidade francesa pode significar, para além de um ato de fé presente no ritual da peregrinação, sua permanência no *acontecer festivo*. Assim sendo, assume a possibilidade de representar uma conquista para aqueles que sentem a necessidade de enraizamento no espaço, ainda que seja o enraizamento das memórias relativas à experiência vivida no lugar.

A vivência coletiva no espaço religioso, complementada pela experiência individual do encontro com o sagrado no lugar de fé cigana, ocorre durante o *acontecer festivo*. Tomando como base o princípio da dinâmica espaço-temporal do turismo religioso presente na peregrinação este artigo se lança ao desafio de interpretar o ato de peregrinar dos ciganos à Saintes Maries de L'Mer como símbolo de encontros entre aspectos da religião e da cultura. Esse trabalho se apresenta em três seções, conforme apresentadas abaixo.

Inicialmente o artigo narra a história da Santa de pele escura, a padroeira do caminhador. Santa Sara Kali, sim senhor. A história de Sara na Europa indica que ela foi consagrada e coroada padroeira

de um povo, o mesmo que se encarregou por tornar Saint Marie de L'Mer sua morada sagrada. Escrava, fugitiva, parteira, milagrosa, santa e negra. Santinha dos milagres e dos mistérios, seus mitos são incontáveis segundo a oralidade. Uniu povos, (res)significou travessias e, no dia do seu festejo, seus cavaleiros realizam o cortejo na beira do mar. Da igreja ao oceano, seus devotos percorrem o lugar.

Na beira do mar, tem uma igrejinha, onde tudo começou. Na segunda sessão, apresento simbolismos, sentimentos, valores e, ainda, possíveis interpretações – à luz de estudos e relatos já investigados em outros trabalhos – acerca de experiências religiosas vividas por um conjunto de indivíduos em uma determinada parcela do espaço geográfico com a qual estabelecem relações de pertencimento e afetividade. Essas sensações imbricam-se em ações cujo desdobramento é a transformação socioespacial do fenômeno investigado. Privilegiar o lugar, portanto, é procurar conhecer o mundo vivido de indivíduos e dos grupos sociais que se organizam motivados por interesses, ideologias ou crenças comuns. A partir desse lugar é que almejo interpretar algumas das manifestações culturais que ocorrem no espaço no recorte temporal elencado.

Na última seção, apresento o povo nômade, os andarilhos, os filhos do vento, das estrelas e do luar, como aqueles que se constroem e se identificam na mobilidade e na busca pela fé, navegando em alto-mar, aqueles que cantam e se permitem reconhecer nos versos anda aqui e acular. O ato de peregrinar do



povo do movimento é interpretado como busca incessante. E o instante da pausa de seus recorrentes deslocamentos é interpretado como oportunidade para experienciarem entrelaçamentos da religião, da cultura, da memória e da história do seu povo com o lugar. Os peregrinos que se deslocam até Saint Marie de L'Mer são os rom, os sinti e os calón, indivíduos ciganos, protegidos pela fé em uma santa.

Para a ocasião do cortejo o vilarejo se arruma inteiro. O lugar é ornamentado e transformado para receber os turistas religiosos. A Slava de Sara reúne no espaço, através do tempo, diversos indivíduos os quais podem ser classificados como: turistas, viajantes e nômades. Muitos ali estão em função das buscas em torno do religare.

O artigo também se propõe a explorar a Slava religiosa de Santa Sara Kali, enfocando a dimensão temporal do espaço sagrado em relação a uma organização espacial fortemente marcada pela transformação das práticas religiosas no contexto da peregrinação. A partir de estudos ancorados na geografia em suas abordagens culturais no espaço, o fato festivo é decodificado espacialmente como meio onde – e quando – indivíduos e o grupo reafirmam ideias e narrativas sobre o passado, suas origens e sua fé. O ato de peregrinação como símbolo é entendido como *momento* de religação do homem com a sua devoção, possibilitando aos participantes vivenciar experiências religiosas e culturais no espaço geográfico.

É preciso reconhecer que este estudo, derivado de minha pesquisa de doutoramento, investe na pesquisa de gabinete para iluminar algumas das questões que me alcançam no contexto da tese em construção. Desse modo, as linhas aqui apresentadas refletem alguns dos caminhos de meus pensamentos, assim como diálogos que busco promover com demais autores e, sem dúvida, os limites de uma etapa intermediária ora empreendida em gabinete. Em complemento, é preciso ressaltar que não efetuei uma análise da experiência emocional dos peregrinos aqui apresentados, decorrente de uma coleta de dados em campo ou de observação direta e participante. Antes disso, resgato trabalhos pretéritos e estudos por mim desenvolvidos na temática (SANDES, 2017) para, como afirmado anteriormente, ser capaz de interpretar sentidos e possíveis significados do ato de peregrinar no âmbito das espacialidades construídas e vividas pelo povo cigano na contemporaneidade.

Sara: santa, rainha e padroeira do povo cigano

A Virgem Sara Kali, a santa de pele escura. Através de sua imagem negra diversas histórias foram narradas. Por suas lendas, mundos foram criados, e devotos foram conquistados. De escrava se tornou santa. A sua vida terrena possibilitou o nascimento de mitos e sua aparição em milagres. Sua imagem é carregada de simbolismos e de significados. A Figura 1 apresenta Santa Sara Kali coberta por um manto reluzente e por uma coroa cuja função é adornar sua cabeça.



⁴ Lenço utilizado para cobrir a cabeça.

⁵ Jesus Cristo em idioma romani.

⁶ Acredita-se que deste gesto de Sara Kali tenha nascido a tradição de toda mulher cigana casada usar um lenço. É a peça mais importante do seu vestuário. A prova disso é que quando se quer oferecer o mais belo presente a uma cigana se diz: Dalto chucar diklô (Te darei um bonito lenço).

Sara Kali aparece nesta imagem trajando elementos simbólicos representativos das vitórias de seus fieis. Os devotos adornam a escultura em sinal de devoção à sua santidade e como retribuição às graças que acreditam terem sido alcançadas por sua intervenção.

Figura 1 – Imagem de Sara Kali em Saintes Maries de L’Mer. Santa Cigana que está trajando vestimentas e adereções entregues pelos devotos, em sinal de graças alcançadas.



Fonte:

<http://www.embaixadacigana.org.br/saint.html> (acessado em 10/12/2016)

A cigana Mirian é considerada a principal responsável pela construção do santuário no Brasil. Em seu livro *Lilá Romaí - Cartas Ciganas*, apresenta uma das mais conhecidas versões dessas lendas entre a comunidade cigana. Amplificadas pelo sistema de som

especialmente instalado para o festivo dia, a voz de Mirian suplanta as vozes dos demais membros da família Stanescon que se revezam ao microfone para recordar a lenda que apresenta Sara como uma escrava egípcia. Pela tradição contida e difundida na oralidade, a história é revivida, recontada e, portanto, atualizada em tempos presentes, mirando o futuro, enquanto resgata elementos atribuídos a um passado que se glorifica na transcorrência da fala para os presentes no evento festivo.

Comum à época, seres humanos escravizados foram perseguidos e considerados como posse de outras pessoas. De acordo com a versão anunciada, Sara teria sido escrava de uma das três Marias: Madalena, Jacobé ou Salomé. Convertida ao cristianismo e, com o advento da perseguição aos cristãos pelos judeus, teria sido colocada juntamente com José de Arimatéia, Trófimo e Lázaro, em uma barca sem remos e lançados sem provisões nas águas do mar Mediterrâneo. Durante a travessia em alto-mar, todos teriam perdido sua fé. Menos Sara. Coube a ela a manutenção da fé mesmo quando, desesperadas, as três Marias puseram-se a chorar. A narrativa diz que Sara retira o diklô⁴ da cabeça, chama por Kristesko⁵ e promete que, se todos se salvarem, ela seria escrava de Jesus. Acrescenta, ainda, uma promessa: jamais andaria com a cabeça descoberta, e o faria em sinal de respeito.⁶ Posteriormente, ao chegarem todos salvos numa enseada próxima a Saintes Maries de La Mer, o barco foi resgatado por moradores de uma vila próxima.



⁷https://www.geocaching.com/geocache/GC586ZE_1-e-tombeau?guid=1bcc5d1c-a855-4928-b2da-875db3f34344
(acessado em: 10/12/2016)

Com exceção de Sara, todos, por serem brancos, foram acolhidos. Ela, por sua condição de escrava, egípcia e negra, foi excluída da hospitalidade destinada aos demais. A narrativa anuncia que um grupo de ciganos da localidade presenciou o fato. E, diante do acontecido, acolheram-na, passando a cuidar de Sara. A partir de então, Sara e os ciganos mantiveram uma ligação de proteção mútua, mesmo após a sua morte. Os ciganos passaram, então, a recorrer com pedidos àquela por quem intercederam; e esta, em retribuição, intercedia por eles. Sara, benquista pelos ciganos em vida, os atendia realizando milagres após sua morte. Sara se tornou, assim, Mãe e Rainha dos Ciganos. E, segundo os que creem na assunção dessas funções, cuidava do seu povo, protegendo-os dos muitos desafios e perseguições que enfrentavam – e ainda enfrentam – em suas andanças pelo mundo. Santa Sara recebia, em pagamento aos milagres e cuidados destinados aos ciganos, as preces e as práticas de agradecimento devocional do seu amado povo.

⁸<http://www.saintesmaries.com/> (acessado em: 30/05/17)

O santuário de Santa Sara Kali: um lugar de fé cigana

Como símbolo de agradecimento e de gratidão pelos ciganos foi possível a construção de uma capela em sua homenagem. Diz a lenda que quando Sara faleceu os ciganos foram até a igreja da vila pedindo que seu funeral se realizasse ali. Também é dito que, devido ao preconceito, os católicos da época recusaram esse pedido. Seu altar, portanto, foi construído no subsolo. Até hoje, situa-se em um

lugar cujo aspecto assemelha-se a uma gruta. No final do século XIX, um personagem histórico da região tornou ainda mais notória a devoção à Santa Sara. O Marquês de Baroncelli⁷, aristocrata da região, motivado pelo desejo de revitalizar aquela área litorânea, utilizou a lenda de Santa Sara como estratégia de valorização espacial. Como detinha negócios com ciganos domadores de cavalos, um dos pilares da economia da região pantanosa junto ao mar, aproveitou-se do culto deste grupo a uma santa de pele escura para conhecer e amplificar a lenda da escrava que se colocou a serviço de Jesus. Objetivando atrair mais turistas para a localidade reformou a cripta de Sara e foi um dos principais responsáveis pela popularização de seu culto. Aproveitando-se de suas influências e rede de relacionamentos na política chegou a interceder junto ao Vaticano para que o culto a essa santidade fosse reconhecido. A forma espacial de gruta escolhida naquela época para receber as práticas religiosas em devoção a Sara persiste até os dias atuais.

Como observado na Figura 2, a Igreja de Notre Dame de La Mer é dividida em dois pavimentos. No primeiro, encontra-se o altar principal, local de devoção destinado ao culto das três Marias presentes na narrativa do mito. No segundo pavimento, na área subterrânea, localiza-se a gruta destinada a Sara Kali. Nesta mesma imagem (2) é apresentada a Igreja Notre Dame. Dividida nos dois níveis acima mencionados, destaca-se a entrada da gruta de Santa Sara Kali. Na análise da figura é possível observar o arranjo espacial responsável por evidenciar a hierarquia presente no culto às santidades.

Figura 2 – Interior da Igreja de Notre Dame, onde se encontra a cripta de Santa Sara Kali, destacada na imagem.



Fonte: <http://www.embaixadacigana.org.br/saint.html>
(acessado em 10/12/2016)

A construção que hoje é reconhecida como Igreja de Saintes Maries de la Mer passou pelo processo de resignificação de sua função. De acordo com o sítio eletrônico oficial da cidade a igreja foi inicialmente um altar pagão no século IV aC. A seguir, forma e função se modificaram passando a servir como fortaleza da pequena cidade praiana. A localização próxima à foz do rio Petit Rhône indica uma posição estratégica importante na temporalidade de sua construção. O referido forte foi erguido entre os séculos IX e XII em um contexto em que a população francesa vivia sendo assediada por ações de piratas. A intensificação das investidas na área litorânea alarmou a comunidade do povoado, provocando-a a

projetar uma torre com ampla visão para os perigos oriundos do mar. Com isso, se tornou possível aumentar o resguardo em relação aos ataques piratas. Atualmente a construção abriga o lugar de fé para os devotos, tendo a forma mantida ao passo que sua função é, uma vez mais, atualizada. A interpretação geográfica permite apontar a refuncionalização e resignificação dessa construção e, também, ressaltar a importância desse lugar como centro de forças religiosas mesmo antes do cristianismo. Um lugar de culto para um determinado grupo passou, com o tempo, a se tornar lugar de defesa do território. Em seguida recupera forma e função religiosas quando assume a condição de lugar sagrado para a comunidade católica.

O processo de refuncionalização apresentado acima foi acompanhado por um processo de resignificação. A forma simbólica espacial (CORRÊA, 2018) modifica-se de maneira a incorporar qualidades do sagrado. Com isso, a Igreja de Notre Dame de La Mer passa a permitir práticas religiosas do grupo cultural dominante do lugar. Os católicos tornam-se os responsáveis por auferir os significados incorporados à construção. A resignificação anunciada ocorre quando os ciganos, apropriando-se da narrativa acerca do milagre ocorrido naquele local, utilizam-na para requalificar o lugar.

Nesse templo se encontram os restos mortais de Maria Jacobé e Maria Salomé. Já sobre a terceira personagem, Maria Madalena, não se sabe a localização precisa do local de seu sepultamento. A ausência de provas e informações mais precisas sobre a veracidade



da existência de Sara Kali segue desafiando pesquisadores. É importante destacar, porém, que a Igreja Católica Apostólica Romana, muito embora não a tenha canonizado, reconhece seu culto. Como apresentamos anteriormente ela se tornou, com o tempo, a Rainha e Padroeira do povo cigano.

O culto e as práticas devocionais de ciganos à Santa Sara Kali os fez construir, no subsolo da Igreja, a gruta onde está a imagem da santa. No interior dessa gruta, localizada no pavimento inferior da mesma igreja erguida para devoção das três Marias, é possível afirmar que o lugar passou a simbolizar o *Centro do Mundo* (ELIADE, 2010) para os ciganos dedicados a Sara. Essa importância é confirmada pela construção de um templo destinado à sua *santidade*. Na Figura 3, verifica-se o interior da gruta. A imagem de Santa Sara Kali está localizada à direita e apresenta tamanho natural. Sua escultura é enfeitada por *diklô*, simbolizando seu culto. No centro, além de velas vermelhas e brancas em um candelabro, destacam-se um cruzeiro e um oratório apresentando elementos simbólicos do cristianismo.

Figura 3 – Imagem mostra o interior da cripta de Sara Kali, onde ocorre a devoção a esta santidade.



Fonte:

<http://www.embaixadacigana.org.br/saint.html> (acessado em 10/12/2016)

Os elementos apresentados possuem ligação material e imaterial com o mar mediante a difusão das narrativas tecidas, ao longo do tempo, sobre Sara e sua profunda relação com o povo cigano e com as culturas do lugar. Quando o mar olha para o mundo, e o mundo olha para o mar, ocorre um encontro, realiza-se uma troca e surge um sentimento; o *re-ligare*. O elemento central da conexão entre o homem e o sagrado é o próprio indivíduo e suas práticas no espaço para manifestar a força de sua crença. São elas que criam sentidos para suas existências e promovem a incorporação destes sentimentos ao espaço onde vivem. Com isso, esses crentes



encontram-se fortalecidos o suficiente para vivenciar sua fé modelando o espaço de maneira a tornar público aquilo em que acreditam.

O ser religioso, na busca pelo sagrado, se desloca anualmente à Saintes Maries de L'Mer. E o faz motivado pelas possibilidades e desejos de vivenciar e experienciar a sua fé de maneira individual e coletiva no lugar sagrado. A Slava de Sara Kali reúne, habitualmente, milhares de indivíduos que podem apresentar características usualmente atribuídas a viajantes, peregrinos ou turistas religiosos. Para alguns estudiosos o turismo religioso consiste em uma expressão atualizada das antigas peregrinações. Nesses casos, é compreendido na lógica de um segmento do turismo de massa, muito embora possa ser realizado com especificidades bem evidentes. Essa modalidade turística encontra na religiosidade das pessoas e dos lugares um amplo campo, ao passo que produz, aciona, dissemina e significa formas simbólicas através da fé. Nessa perspectiva “o símbolo é, em si, uma construção mitológica, e não pode haver turismo religioso sem a percepção de elementos símbolos que remetem ao divino. Ter fé é o mesmo que acreditar no símbolo” (Oliveira, 2004, p.65). Com efeito, a prática do turismo religioso parece se fundamentar com mais veracidade em lugares que possuem um santuário pois, para Santos (2006, p. 33), o turismo religioso.

seria toda e qualquer deslocação (voluntária, temporária e não remunerada) religiosamente motivada, combinada como motivações de outro tipo, que tem por destino um lugar religioso (de âmbito

local, regional, nacional e internacional), mas que não é em si mesmo, uma prática religiosa.

Peregrino, quem sou?

Ao longo dos anos a difusão geográfica dos ciganos pelo mundo se tornou questão central de pesquisas acadêmicas, sendo tratada como assunto popular e, também, ensejou intensos debates entre os grupos que compõem essa nação. São diversas narrativas apresentando diferentes caminhos, mitos e histórias sobre sua origem - o ponto de partida. O espraiamento desse povo milenar ocorreu no decorrer do espaço e do tempo por séculos de sua existência. Considerados cidadãos do mundo foram deixando de ser unidos e homogêneos. O nomadismo, entendido como prática cultural singular atrelada à esse grupo sociocultural, acrescido ao processo de sedentarização, possibilitou a fragmentação dessa população em distintas comunidades. E, assim, passaram a formar, no presente, um mosaico étnico-cultural.

Atualmente, a pluralidade apresentada pelos clãs ciganos que formam essa nação é marcada por contrastes e singularidades que envolvem diferentes tradições, costumes e condições socioespaciais distintas. Tais diversidades podem ser compreendidas em virtude de hábitos e culturas do mundo não cigano que foram sendo, ao longo dos séculos, inseridas e adotadas por cada grupo cigano em diferentes espacialidades e temporalidades. Esta heterogeneidade social possibilita a esse povo uma exuberância cultural ainda que,



esses afastamentos, muitas vezes cooperem para a ampliação da incapacidade do convívio pacífico entre os ciganos de diferentes etnias.

A peregrinação a Saintes Marie de L'Mer dos diversos clãs ciganos para a Slava de Sara possibilita, anualmente, os encontros e a reunião desses diferentes pares. Durante o período do *acontecer* festivo, as amenidades entre os ciganos são potencializadas pelos *ritos* e *rituais* (THIER, 1999) religiosos. Nessa temporalidade, a vivência e a experiência religiosa dos ciganos se encontram em estado de comunhão, possibilitando a unificação da fé cigana em torno à devoção de Santa Sara Kali. Nos dias 24 e 25 de maio há um domínio dos aspectos e elementos atribuídos ao sagrado sobre os ciganos. Diante de tal eventualidade, Hilkner (2008, p. 24) esclarece que “os ciganos vivem pacificamente, nos dias 24 e 25 de maio, momentos ritualísticos, no domínio do mito e participação do rito destinado à Slava de Sara Kali, em Saintes de la Mer.” Isto é, durante as dinâmicas vividas no contexto da temporalidade dos festejos religiosos, as emergências do sagrado se apresentam como fatos culturais e, desse modo imprimem *marcas* e *matrizes* de fé no espaço geográfico (SANDES, 2017).

A peregrinação de ciganos no seu movimento na busca pela fé possibilita sociabilidades espacializadas entre grupos durante o convívio comunitário religioso e cultural. A ida a Saintes Marie de L'Mer simboliza, neste sentido, a (re)criação e atualização da saga cigana, vivida de diferentes modos por sujeitos dispersos pelo

mundo, em torno de valores, e ideias semelhantes e convergentes quando em relação às religiosidades e cultos à Santa Sara Kali. Esse pensamento ecoa as ideias de Hilkner (2008, p. 24) quando diz:

[...] ressaltamos que a diversidade entre os ciganos não impede que haja unidade quanto ao sagrado rito. Os ciganos fazem da própria fluidez, flexibilidade, de sua identidade um fator de fortalecimento de sua origem e credo. As várias comunidades sentem-se irmanados em honrar a sua padroeira Santa Sara.

Assim, fluidez e flexibilidade como práticas culturais referentes à identidade cigana, possibilitam a esfera social da vida religiosa atrelada ao ato da peregrinação ao santuário da padroeira desse povo. Entendo que a ação presente na dinâmica socioespacial do ato de peregrinar apresenta elementos simbólicos e físicos relacionados à ação e atuação do indivíduo religioso com o espaço geográfico. Desse modo, a peregrinação é geográfica e cultural, especialmente quando pode ser entendida como impulso espiritual e físico do homem na busca pela vivência e experiência do sagrado no tempo e no espaço religioso. Para Souza (2017, p. 71) a peregrinação pode ser estudada:

a partir dos impulsos espirituais e físicos do homem na busca de realizações simbólicas e materiais, atreladas à esfera social da vida. O ato de peregrinar é físico e simbólico. É geográfico e cultural, uma vez que relaciona valores e significados expressamente definidos em múltiplos espaços, podendo funcionar como fator estruturador da vida.



O ato da peregrinação também está ligado às dinâmicas socioculturais do devoto. As sociabilidades viabilizadas pelo caminho da fé possibilitam encontros, sejam eles; entre o homem religioso com a sua divindade, bem como entre indivíduos circulantes. Tais conexões possibilitam, por meio da experiência da fé vivida no coletivo e no lugar sagrado, a (re)estruturação e (re)significação da vida do fiel (SANDES, 2017; BONDIA, 2002).

Ao iluminar o sentido e significado de sociabilidades presentes no decurso de dinâmicas socioculturais compreendidas e articuladas por ações e atuações dos peregrinos ciganos no Santuário de Santa Sara, tornam-se possíveis os estudos acerca do entrelaçamento entre diversas comunidades. No âmbito desses estudos a convivência e as relações desses sujeitos se ampliam no espaço e no tempo da Slava para além do habitual. Nas considerações feitas por Hilker (2008, p. 24), destaca-se:

a rede de sociabilidade que se forma na peregrinação dos ciganos em Saintes Maries de la Mer amplia as relações dos peregrinos para fora da esfera restrita do seu lugar de moradia e origem, ao mesmo tempo em que dinamiza as relações familiares, entre clãs, entre gerações e entre os gêneros. A peregrinação, nesse sentido, mostra-se como um símbolo de encontro.

Cada peregrinação apresenta suas singularidades. E estas são influenciadoras na avaliação de tal prática. A peregrinação, como símbolo de múltiplos encontros, permite ao fiel viver e significar sentimentos e emoções motivados *por alguém* ou *por algo*. O indivíduo se lança no mundo, movido pelo *desejo*, para alcançar o

encontro com *algo* ou *aquilo* que é intensamente desejado (SPINOZA, 2009). O ato de peregrinar, pensado como Símbolo de Encontro, é um conceito desenvolvido por Samuel Thier (1999). Para o autor o ato de peregrinar não está cunhado apenas no ato de caminhar *per se*, ou seja, com valor em si próprio. Tampouco se resume à execução de um trajeto. Para o autor a peregrinação requer um sentido, isto é, um caminhar motivado *por* ou *para algo*. O ato de peregrinar assume uma dimensão simbólica a qual possibilita encontros, quer seja do sujeito em movimento com a sua identidade peregrina, quer seja do sujeito com outros peregrinos no espaço. A peregrinação como símbolo sintetiza os significados criados e vividos a partir desses encontros e potencializa os sentimentos de pertencimento e os laços afetivos pelos quais os peregrinos ciganos se sentem irmanados.

É possível interpretar a peregrinação como símbolo de ação, afeto e emoção criado e vivido pelo homem religioso no seu movimento pela fé? De acordo com Tuan (2013) o símbolo é a parte visível de um todo muito mais complexo, inteligível ao indivíduo e ao seu grupo. A complexidade existente na significação do(s) encontro(s) ensejados pela peregrinação inspira o devoto a viver e a expressar sentimentos de pertencimento. Ao tornar a própria ação de caminhar como símbolo de sua fé e de seus desejos, o peregrino sinaliza para si e para os outros com quem interage espacialmente sua condição de membro de um determinado grupo sociocultural e, ainda, sua participação como agente modelador do espaço religioso. Se, para Dardel (2011), a peregrinação consiste em um ato



geográfico do homem no mundo, o ato simbólico de peregrinar expressa os sentidos de existir como cigano e os significados elaborados em torno da devoção a Santa Sara Kali em Saintes Maries de L´Mer.

A importância do lugar atrai os corpos dos peregrinos. Reunidos ali para devoção e celebração de sua fé e comemoração de sua cultura, simbolizam o ato de peregrinar do grupo que vive em deslocamento, e o significam como encontros corpóreos e espirituais com o seu *paraíso perdido*. A Slava de Santa Sara Kali, representa a conquista de um lugar de proteção e segurança para vivenciar e festejar as aventuras e realizações de um povo historicamente ameaçado e perseguido. A importância dessa comemoração revigora a cultura cigana e é celebrada com fé. O homem religioso necessita desse evento para reafirmar sua cultura e perpetuar os seus mitos (SANDES, 2017). Nas ideias desenvolvidas por Hilkner (2008, p. 27)

a Slava de Sara em Saintes Maries de L´Mer, através de um deslocamento no espaço, propicia aos seus peregrinos, a idealização do encontro com o seu “mito de origem” ou uma espécie de “paraíso perdido”. A nostalgia da fé ensinada pelos seus ancestrais toma o contorno da *communitas* vivenciada. A Slava representa uma forma de sobrevivência do mundo cigano.

A espacialidade e temporalidade da fé cigana na Slava de Sara em Saintes Maries de L´Mer simboliza o sentimento e a sensação de acolhimento do povo cigano no seu lugar de fé e

memória. A peregrinação dos ciganos à cidade francesa significa a *pausa no movimento* necessária para o povo que vive no movimento. O ato de peregrinar o faz significar esse movimento em diferentes maneiras. Tanto como manutenção do fluxo constante de movimentar-se, que esta na essência do ser cigano, como também, na possibilidade de encontrar em um determinado lugar, uma *pausa*. E é nesse lugar e neste tempo festivo religioso em que eles vão organizar o sentido e o significado de ser cigano, inclusive de se organizar para novos deslocamentos pelo espaço geográfico.

O espírito de comunidade presente durante a Slava a Sara Kali possibilita a experiência da fé cigana entre os peregrinos. Além da busca pelo sagrado, os ciganos devotos de Sara buscam participar da história e da memória de seu povo. O sentido de viver em comunidade é marcado no espaço e no tempo festivo de sua devoção. O *ver* e *sentir* devocional transforma e (re)organiza a cidade francesa em questão. Sua igreja, praças, ruas, estradas e campos são (re)qualificados pela fé cigana. Assim como o são por suas cores, odores, músicas e danças. A comunicação transmitida pelo ato da vivência em comunidade é simbolizada e representada pela transformação repentina da cidade durante o período do festejo.

Saintes Maries de L´Mer constitui-se como lugar onde os movimentos dos corpos peregrinos ciganos se encontram. Ou seja, ponto nodal de intersecção para trajetórias espaciais de indivíduos ciganos. O ato de peregrinar é interpretado pela sua importância simbólica, construída através das diferentes articulações de sentidos



e significados. A busca dos desejantes encontra-se vinculada à experiência religiosa. Como símbolo, representa o ato de viver em comunidade, isto é, o compartilhamento de valores e tradições presentes na vivência e manutenção da cultura cigana no espaço geográfico. O lugar de fé no tempo festivo, ativa, reaviva e renova aspectos singulares de heranças culturais. Assim, o movimento dos peregrinos na comunhão da fé e da participação da vida comunitária são entendidos como aspectos do mundo vivido e da vida coletiva para o grupo. Mais do que desafio, esses elementos são experienciados como possibilidade de satisfação pessoal. Pois, segundo Hilkner (2008, p. 117.):

no ritual cigano de Saintes Maries de la Mer, esta experiência transcendental reaviva a possibilidade da vida em conjunto, em uma esfera em que todos são iguais, sem distinção de Natsias ou Vitsas e comungam a mesma comunidade moral e compartilham a grande satisfação de que vida social é possível.

O compartilhamento dos valores, das tradições e dos hábitos dos peregrinos corresponde às dinâmicas sociais efetivadas no espaço religioso. A peregrinação anual à Slava de Sara possibilita a vivência dos ciganos dinamizando as relações socioculturais entre eles e deles com o espaço geográfico onde ocorre. Os aspectos socioculturais da vivência religiosa espacializada são *vividos* e *sentidos* no decurso das interações sociais realizadas. O *acontecer* religioso potencializa essas interações.

A temporalidade de maior sacralidade destinada à devoção está entrelaçada com a vida comunitária dos ciganos no espaço

religioso. E os indivíduos e os grupos culturais reunidos nestas dinâmicas marcam e simbolizam o espaço geográfico por intermédio de um conjunto de signos e significados fundamentais para a coesão de seus integrantes. A participação dos ciganos na Slava de Sara Kali é interpretada através dos (re)encontros familiares, das sociabilidades entre os clãs e pela uso da língua nativa.

Em relação a esta última ideia, é possível considerar que a pronúncia do idioma nativo pela comunidade, em um lugar especial, confere a esse povo sensações de acolhimento, de pertencimento e o reforço de identidades, individuais e coletivas, relacionadas com as culturas ciganas e o mundo vivido de seus integrantes. Esse entendimento fundamenta-se na contribuição heideggeriana de que a linguagem é responsável por criar mundos (HEIDEGGER, 1954).

É no mundo que o ser se encontra lançado para viver suas aventuras terrestres. Inevitavelmente, essas aventuras espaciais reúnem os sujeitos que as vivem e as significam para além de simples pausa, movimentos e reuniões de corpos em uma mesma localidade e em um tempo específico. Para além das possibilidades aqui apresentadas de interpretar a peregrinação a partir dos encontros que oportuniza e como vivências comunitárias, as linhas a seguir iluminam o caminhar em peregrinação como ação simbólica vinculada à experiência transcendental envolvida em sentimentos e emoções da fé na busca e na chegada ao lugar sagrado. Em complemento, sublinham os significados construídos e vividos em torno da experiência religiosa, desdobrados na transformação e



(re)organização espacial que o sagrado impõe ao espaço geográfico e aos indivíduos e grupos que atuam como seus agentes modeladores (ROSENDAHL, 2018).

Ao focalizar as dinâmicas acima elencadas, é necessário entender que o ritual da peregrinação inicia-se antes mesmo da partida do peregrino. O seu desejo individual, desperto e potencializado pela força coletiva da cultura à qual se sente integrado, o faz se lançar no mundo. A partir de então o ser religioso encontra-se imerso em pensamentos e sentimentos relacionados com a sua busca pelo sagrado. Para Durkheim (1989), o ritual da peregrinação possibilita uma reflexão do homem para além de si mesmo. Nessa concepção, os indivíduos buscam na peregrinação a sensação de sair de si. E o fazem pela imersão no coletivo, estabelecendo contato com algo que, segundo afirmam, é mais importante do que eles próprios na escala individual (HILKNER, 2008).

Se, por um lado, o indivíduo se sente inferior ao poder de manifestação do sagrado em sua vida que o faz caminhar, por outro lado esse mesmo indivíduo, ao se colocar em movimento, agiganta-se em função da importância simbólica que os seus passos significam para si e para o grupo. Assumindo a identidade peregrina, conforme caminham e se deixam envolver pelo espaço geográfico, os indivíduos encarnam aspectos e elementos das culturas ciganas que lhe são significativos e preciosos. Nesse sentido, posso considerar que a fé confere aos que escolhem se lançar

especialmente em peregrinação a força para superar as distâncias e desafios reservados pela caminhada em busca do lugar sagrado. Pensando de modo semelhante, Claude Rivière (2008, p. 39), em seu estudo sobre peregrinação, esclarece:

a peregrinação é uma espacialização emocional do desejo. Visa essencialmente reduzir a distância entre indivíduo e seu deus, por meio de seu deslocamento. Essa distância mental, ou se podemos dizer, distância interpessoal, sendo pensada de modo espacial. O peregrino se aproxima do mito, [...] dos ancestrais ou dos deuses do clã. Ele deseja um contato com eles, como se a concupiscência sacralizada da proximidade motivasse o homem à percorrer as savanas e atravessar montanhas, como se eles tivessem necessidade de uma pista do divino.

A constatação acima ecoa o seguinte pensamento: “não haveria peregrinação sem a crença na manifestação do sagrado, num espaço determinado” (RIVIÈRE, 2008, p. 37). Reproduzindo propriedades de outras formas de mobilidade humana, a peregrinação envolve um local de saída (que pode ser residencial ou algum ponto público de encontro coletivo), um itinerário (quase sempre composto de elementos religiosos e formas simbólicas situadas em pontos estratégicos, com a forte presença de paisagens naturais) e um destino (com a presença, por exemplo, de um santuário). “A peregrinação garante o desabrochar de uma inserção no espaço” (RIVIÈRE, 2008, p. 38) e permite o seu reconhecimento e a sua (res)significação. Em seu conjunto espacial, traduz sacralidade aos olhos do homem penitente.



O geógrafo José Ariston Xavier de Souza, em seu estudo sobre geografia e peregrinação, destaca a relação entre o ser religioso e o espaço sagrado. Para o autor essa relação possibilita o movimento da *busca* empreendida pelo peregrino no espaço qualificado por esses indivíduos, o que atua no sentido de revelar a sua importância para o imaginário social-religioso. O autor esclarece que o peregrino

se lança ao encontro de um espaço sagrado. Conquanto o sagrado se faça presente no cotidiano e nas decisões do peregrino por tal jornada, como também no seu retorno, podendo ter sido potencializado depois das vivências do fazer peregrinar, é pelo movimento de busca por determinado destino que recai a inquietação, e pode-se dizer encantamento, do geógrafo. As motivações animam a busca. Em vista disso é que se afirma que o local de peregrinação é significativo inicialmente pelo peregrino. Para além do espaço físico de centro de peregrinação, a busca tem relevância no imaginário social-religioso. (SOUZA, 2018, p. 692)

Aqueles que peregrinam o fazem pois imaginam, desejam e se lançam ao desafio de alcançar um determinado destino. A chegada dos peregrinos ciganos em Saintes Maries de L'Mer é marcada no tempo e no espaço por encontros entre indivíduos que comungam religiosidades e compartilham sentimentos relacionados com a crença e a vivência de pertencimento a uma mesma nação e irmanados pelos desejos e desafios experimentados por quem se põe a caminhar.

A Figura 4 apresenta a chegada do povo cigano à cidade francesa. Trajando vestimentas típicas de sua cultura os ciganos adentram a cidade sagrada carregando em si cores, brilhos, bandeiras e fé. Pode se observar na figura, em sua área central, a escultura da Virgem Sara ocupando o papel de destaque. Ela está sendo conduzida por uma cigana de vestido vermelho, cor de sangue. A cigana guardiã de Sara está posicionada na frente dos demais membros do seu grupo. Ela carrega Sara e a santa conduz o cortejo. E com suas mãos erguidas para o alto, a cigana eleva a sua divindade, evidenciando simbolicamente a força que o sagrado possui. Esse ato pode ser interpretado pelo poder que o sagrado impõe ao mundo profano, transformando-o (ROSENDAHL 2002). Ainda sobre a figura, é possível observar, em segundo plano, outros peregrinos ciganos transportando bandeiras de diferentes países e, também, a presença de bandeiras predominantemente na cor branca, símbolo universal da paz. Essa conduta passiva, assumida ao adentarem a cidade sagrada, simboliza a abertura para o diálogo e demonstra a organização de um povo reunido em torno de suas crenças, valores, mitos e religiosidades.



⁹ <https://www.avignon-et-provence.com/en/traditions/gypsys-pilgrimage-saintes-maries-de-mer>

Figura 4 – Imagem mostra a chegada dos ciganos peregrinos para a Slava de Sara.



Fonte: <https://www.avignon-et-provence.com/en/traditions/gypsys-pilgrimage-saintes-maries-de-mer> (acessado em 10/06/2020)

Os ciganos peregrinos transformam o espaço geográfico, atuando como agentes modeladores da paisagem ao iniciar o *acontecer* festivo. Um sítio eletrônico destinado a fornecer notícias de turismo, pacotes de viagem e hospedagem, além de opções destinadas ao entretenimento nessa região francesa apresenta, em sua página, a transformação da cidade durante o período da festividade religiosa destinada à Santa Sara Kali. Em nota, ressalta o fervor da vivência religiosa dos ciganos no ato de peregrinar. Avignon et Provence⁹ anuncia que :

If you never see a gypsy vigil in the old fortress church lit up with candles you will never know what true gypsy fervor is. Some evenings, the crowd arrives preceded by violins and guitars.

They light a multitude of small candles which everyone holds raised towards the nave. They pray loudly, they shout out invocations, they hold their children up in front of the statues... The Pilgrimage in May allows for the intensification, over several days, of the evangelization of the children and the families through chaplaincy, and conversions happen in the secrecy of their hearts. Many Gypsies also take advantage of this family gathering to have their children baptized in the church of Saintes Maries de la Mer.

É possível interpretar que a intenção do *website* é promover a vivência religiosa e cultural no contexto da uma era do turismo de experiência. E é executada como estratégia para atrair turistas religiosos (ou não religiosos) para participar do *acontecer* festivo durante o ritual presente na peregrinação cigana. Espetacularização da fé e a mercantilização acerca da vivência religiosa e cultural são, nos casos aqui apresentados, elementos fundamentais de atração turística para a região. Sendo assim, admitem ser interpretados como modos através dos quais o festejo religioso transforma, organiza e desenvolve novas dinâmicas no local durante sua realização. A ligação entre a população cigana e visitantes orientados aos espaços sagrado e profano facilitam esta dinâmica nos espaços construídos culturalmente ao longo do tempo.

Para a realização do *acontecer* festivo a Slava de Sara, segue uma agenda na qual se cumpre a programação e execução de atividades e práticas religiosas. No dia 24 de maio, os peregrinos ciganos participam de um circuito religioso e cultural pela cidade sagrada. O itinerário é composto de:



¹⁰<http://www.saintesmaries.com/le-p%C3%A8lerinage-des-gitans.html>

(a) *rituais devocionais*, missão de abertura e cerimônia de aparição do Relicário das duas Marias;

(b) *Procissão pela cidade santa*, percorrendo o lugar sagrado e transformando-o através dos elementos simbólicos de sua fé e cultural;

(c) *rituais religiosos*, a vigília para orações e rezas, e missa de encerramento.

O dia 24 de maio segue um programa repleto de práticas devocionais, vivências religiosas e enfocando elementos da cultura do lugar. As ações são apresentadas e consumidas como atração turística.

A programação oficial da festa pode ser encontrada no *website* da cidade de Saintes Maries de L'Mer¹⁰. Em seu endereço virtual, a cidade francesa disponibiliza o itinerário religioso festivo. Por meio de uma ilustração os elementos simbólicos são retratados em tela. A Figura 5 apresenta elementos iconográficos simbolizando a peregrinação e o roteiro da festa.

Figura 5 – Ilustração da Slava de Sara, com programação oficial da festa.



Fonte:<http://www.saintesmaries.com/le-p%C3%A8lerinage-des-gitans.html> (acessado em 10/06/2020)

A programação no dia 24 de maio inicia-se às 10h no horário local. A realização da missa devocional a Santa Sara Kali, marca no espaço sagrado a temporalidade da festividade religiosa. Velas, cânticos e entregas de oferendas fazem da cripta de Santa Sara Kali um marco da peregrinação e de fervor religioso. As manifestações



de fé cigana prosseguem até às 15h30, de acordo com o cronograma. A segunda atividade religiosa é composta da cerimônia de aparição do Relicário das duas Marias, a Figura 6 mostra esse ritual sagrado, bem como a manifestação religiosa dos devotos. Após a descida dos relicários, a imagem da Virgem Sara é colocada em um andor e conduzida em procissão até o mar Mediterrâneo, conforme mostra a Figura 7. A escultura caminha pelas ruas com a proteção dos cavaleiros ciganos. Montados em seus cavalos brancos e carregando na mão direita uma longa lança com bandeira de sua família, os cavaleiros mantêm a proteção à santa e a ordem, como pode se observar na Figura 8. Finalmente, o andor chega às areias da praia e Sara é conduzida ao mar, juntamente com os peregrinos. Esse momento marca o apogeu do ato religioso. Este acontecimento é celebrado e comemorado entre os ciganos peregrinos, como mostra a Figura 9.

Figura 6 – Imagem mostra a cerimônia de aparição do Relicário das duas Marias.





Fonte: <https://www.avignon-et-provence.com/en/traditions/gypsys-pilgrimage-saintes-maries-de-mer> (acessado em 10/06/2020)

Figura 7 – Imagem mostra a procissão de Santa Sara Kali pelas ruas da cidade francesa.



Fonte: <http://www.saintesmaries.com/le-p%C3%A8lerinage-des-gitans.html> (acessado em 10/06/2020)

Figura 8 – Imagem mostra os cavaleiros ciganos montados em seus cavalos brancos, carregando em seus punhos, os brasões de suas famílias.



Fonte: <https://www.avignon-et-provence.com/en/traditions/gypsys-pilgrimage-saintes-maries-de-mer> (acessado em 10/06/2020)



Figura 9 – Imagem mostra a chegada dos ciganos peregrinos ao mar Mediterrâneo



Fonte: <https://www.avignon-et-provence.com/en/traditions/gypsys-pilgrimage-saintes-maries-de-mer> (acessado em 10/06/2020)

A procissão então retorna para a igreja. E os peregrinos demonstram suas afetividades em forma de alegria, de aplausos, de músicas, para embalar o retorno de Santa Sara Kali à sua cripta, isto é, à morada sagrada. O deslocamento de retorno ao templo religioso, às orações finais no espaço sagrado, são marcas simbólicas do fortalecimento e (res)significação da fé dos indivíduos religiosos. Esse momento pode ser interpretado como o símbolo de encontro presente no ritual de peregrinação capaz de unir povos, grupos, e sujeitos em torno do sagrado. O fim da peregrinação encerra o ciclo

da Festa de Santa Sara e inaugura o retorno dos peregrinos às suas nações e a expectativa do retorno no próximo ano.

Considerações finais

Iluminei a peregrinação cigana à cidade sagrada como ação a ser entendida em relação aos modos como um povo vive elementos de sua cultura e religiosidade e que possui sua imagem atrelada ao nomadismo. A ida dos ciganos anualmente para a Slava de Sara em Saint Marie de L'Mer simboliza a *pausa* necessária para o *movimento acontecer*. O período festivo propicia aos indivíduos participantes contar, (re)atualizar e (re)afirmar a história de um povo, suas memórias, identidades e religiosidades como importantes ferramentas de coesão socioespacial.

Por meio do ato de peregrinar foi possível conhecer a lenda da santa de pele escura, escolhida como a padroeira do caminhador. E refletir sobre a importância do seu mito de origem, participante do conjunto de estratégias criadas e acionadas para atrair a movimentação anual de diversos ciganos peregrinos espalhados pelos quatro cantos do mundo ao encontro de vivências festivas e pela oportunidade de cultivar o sagrado no seu lugar de fé.

O conceito de lugar foi privilegiado através do aporte teórico-metodológico da ciência geográfica objetivando interpretar o mundo vivido de indivíduos e dos grupos sociais que se organizam motivados por interesses, ideologias ou crenças comuns na busca



pela vivência da fé no espaço. A partir desse lugar é que foi possível interpretar as manifestações religiosas e culturais que ocorreram no espaço e no recorte temporal da festa. E a intensidade e potencialidade dos sentidos e significados que a cidade de Saintes Maries de L'Mer passou a ter para uma nação que não possui um Estado.

O ato de peregrinar do povo cigano foi interpretado como símbolo de encontro. E, ainda, como movimento capaz de impelir os indivíduos à busca pelo sagrado no lugar de fé e de devoção para o seu povo. A peregrinação apresenta oportunidades de identificação, interpretação e revelação dos múltiplos sentidos e significados presentes no deslocamento religioso, enquanto manifestação da cultura, no espaço geográfico. E aponta para as possibilidades de cruzamentos com as atividades e pesquisas que tenham o turismo como elemento central.

Referências

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002, p. 20-28.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Caminhos paralelos e entrecruzados*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 2. ed. Traduzido por Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 1954. Disponível em: <https://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

HILKNER, Regiane Aparecida Rossi. *Ciganos, peregrinos do tempo: ritual, cultura e tradição*. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos “deslugares”. *Espaço e Cultura*, Edição Comemorativa, p. 167-174, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther.; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 3-16.

RIVIÈRE, Claude. Representação do espaço na peregrinação africana tradicional. *Espaço e Cultura*, Edição Comemorativa, p. 37-50, 2008.



ROSENDAHL, Zeny. *Uma procissão em geografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

RIVIÈRE. Claude *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, 2002.

SANDES, Carliane Alves Gomes. *Espacialidade e Temporalidade em ser e estar cigano: Santário de Santa Sara Kali, Arpoador, Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geografia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS. Maria da Graça Mouga Pouças. *Espiritualidade, turismo e território: estudo geográfico de Fátima*. Estoril: Principia, 2006.

SILVA, Anelino Francisco da. *Festas geográficas: de carnavais a eventos juninos e populares*. Natal: EDUFRN, 2013.

SOUZA, José Arílson Xavier de. *Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO*. Tese (Doutorado) – Instituto de Geografia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, José Arílson Xavier de. Geografia e Peregrinação. *Caderno de Geografia*, v. 28, n. 54, 2018, p. 686-701

SPINOZA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: Grupo Autêntica, 2009.

THIER, S. *Ritos e Rituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: EDUEL, 2013.